

PAINEL DE CONJUNTURA

ECONÔMICA

17

51^a edição

PAINEL DE CONJUNTURA

ECONÔMICA

DEZEMBRO

Semana 2

17

01
OPINIÃO
*A Economia e os Cenários
Eleitorais de 2018*

10
CÂMBIO
Fluxo Cambial.

06
CONFIANÇA NA ECONOMIA
*Continua a onda positiva em novembro,
mas ainda frágil.*

11
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA
Saldo positivo em dezembro de 2017.

08
PREÇOS E JUROS
Soltem os cintos, o IPCA sumiu.

14
TECNOLOGIA
Normas técnicas para Blockchain.



Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2017	2018
PIB (% do crescimento)	0,91	2,62
Produção Industrial (% do crescimento)	2,00	2,90
Inflação - IPCA (%)	2,88	4,02
SELIC	7,00	7,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	52,15	55,70
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,25	3,30
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	65,66	52,50
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	80,00	80,00

Fonte: Boletim Focus-Bacen



AGENDA DA SEMANA

11/12

Relatório Focus (Bacen)
Balança Comercial (Mdic)
IGP-M - 1ª prévia-Dezembro-2017 - (FGV)

12/12

IPC(Fipe) - 1ª quadrissemana Dezembro-2017 - (FIPE)
Ata do Copom - (Bacen)
Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - Novembro-2017 - (IBGE)

13/12

Pesquisa Mensal do Comércio - Outubro-2017 - (IBGE)
Fluxo Cambial - Semanal (Bacen)

14/12

IGP(10) - Dezembro-2017 - (FGV)

Opinião

A Economia e os Cenários Eleitorais de 2018

Wilhelm Milward Meiners*



Em clima de final de um ano difícil para a política e de retomada das condições operacionais da economia, depois de quase três anos de pane, os partidos começam a fazer as escolhas dos diretórios que irão comandar as eleições e o clima de investimento em 2018. Em um ano de Copa do Mundo e que, em parte, será dominado por notícias positivas da economia na onda causada pelos juros baixos e pelo quantitative easing, é possível prever a retomada do emprego, do consumo e de algum investimento. As piores turbulências parecem estar reservadas para o período dos confrontos eleitorais, sendo os índices das bolsas e do câmbio definidos pelas pesquisas eleitorais. Por vias tortas, mas de forma acertada, as reformas mais relevantes têm seu debate adiado para a eleição. Espera-se que decisões que tanto afetam os brasileiros sejam realmente repassadas a um governo com crédito e legitimidade eleitoral e um congresso menos corrupto.

Mesmo com uma reforma fiscal incompleta, com um desinvestimento superior a 30% e desemprego elevado, a economia ruma a uma pequena e longa recuperação conduzida por superávits comerciais recordes, alguma recuperação cíclica do consumo, do crédito e da renda, e inflação domada abaixo da meta e juros mais civilizados. Mas é importante destacar, a inflação baixa que estamos vivendo, inferior a 3%, é o resultado de uma combinação perversa: recessão, desemprego, capacidade ociosa e estoques não planejados. Ainda há uma longa margem de crescimento sem bater nos estrangulamentos estruturais do PIB potencial e pressionar a inflação. O cobertor é curto. Sem reformas para recuperar a capacidade do país crescer de forma sustentada, alguma parte do corpo fica descoberta e as pressões inflacionárias e o desequilíbrio externo retornam rapidamente. No curto prazo o crescimento depende dos estímulos à demanda efetiva, o que ocorre com os juros baixos. Mas no médio prazo, para uma expansão



robusta, é necessário recuperar o PIB potencial, a oferta agregada, e seus fatores determinantes como a acumulação de capital, as mudanças tecnológicas e o emprego.

Índice Quantum de Produção Industrial Dessazonalizada, 2002-2017



A economia tem uma previsão de retomada que pode chegar a 3% de crescimento em 2018. Pode parecer uma conquista importante. E é. Mas isso significa retornar, em 2018, ao PIB real de 2012, à renda per capita de 2010 e à produção industrial de 2006! Os dados do gráfico do Índice de Produção Industrial revelam que, ao contrário da crise de 2009, em formato de V, queda rápida e recuperação forte, a crise atual observou uma contração persistente entre 2013 e 2016, superior a 17%, e deverá ter um restabelecimento lento, com os patamares dos picos de atividade ocorrendo somente no início da próxima década. Sem os estímulos corretos para recuperar a capacidade produtiva, o crescimento de 2018 pode ser fugaz e passageiro.

O que podemos esperar para 2018, além de uma inflação baixa, algum crescimento e a possível vitória na Copa do Mundo? A economia brasileira está muito ferida. Ainda que as condições de curto prazo estejam em reestabelecimento, a saúde a longo prazo depende muito do projeto político que deveremos eleger em 2018. É possível perceber, diante das candidaturas que se ensaiam, pelo menos quatro projetos políticos e cenários alternativos: (1) Volta Progressista e Populista; (2) Direita Volver; (3) Mais do Mesmo; e (4) Pacto para Crescer.

No Cenário (1), a volta de um projeto político mais alinhado com as forças sociais-progressistas pode levar ao mesmo caminho adotado entre 2003-2005, recolocando a casa em ordem na via fiscal, com aumentos de tributos, e, no campo externo, com taxas de câmbio desvalorizadas para estimular as exportações. Aos poucos abre-se espaço para a recuperação dos gastos sociais e para medidas de aceleração do crescimento liderado pelos investimentos públicos. É um projeto político mais inclusivo, com uma recuperação baseada no consumo e gastos públicos, mas permanência da primarização das exportações e inserção subalterna nas cadeias produtivas globais.

No Cenário (2) há uma radicalização à direita, alinhado com as forças sociais conservadoras e regressivas. Imagina-se uma guinada nacionalista, concentração do poder e cortes mais decisivos nos gastos sociais.



É um projeto político que combina um estado policial forte para restabelecimento da Ordem, com desarticulação social e uma agenda econômica liberal. Promoção de privatizações, redução da regulação estatal e desmobilização da aparelhagem do estado de bem-estar social: laissez faire, laissez passer, le monde va de lui-même**.

No Cenário (3), mais do mesmo significa continuar preso ao presidencialismo de coalizão e ao capitalismo de compadrio. Um governo comprometido com os acordos políticos temporários e ainda sofrendo dificuldades relacionadas a um passado de corrupção e pressões da Lava-Jato. Deve-se ter a adoção de medidas liberalizantes, seguindo a cartilha do recente relatório do Banco Mundial. Há uma condução dúbia da economia: no curto prazo, um perfil mais técnico e independente para garantir a estabilidade, mas as políticas de longo prazo ficam rendidas a uma condução desarticulada e partidarizada (loteamento do Estado). É um projeto político reativo, que promove as reformas possíveis nos arranjos políticos, com agravamento social.

No Cenário (4), combina-se uma postura social inclusiva com a busca por uma economia mais avançada, segundo o projeto do Novo-Desenvolvimentismo. O ajuste fiscal é um meio (e não um fim) para abrir espaço para o Estado investir e retomar políticas redistributivas e inclusivas. O padrão de crescimento articula medidas de curto prazo, estabilizadoras, com políticas de longo prazo liberalizantes e competitivas, baseada na exportação, nos investimentos para a indústria 4.0 e na infraestrutura. É um projeto político ativo de desenvolvimento, com aprofundamento das reformas políticas e de Estado, baseada em ganhos de produtividade, incorporação de tecnologias, educação e competências pessoais.

A escolha de qual caminho seguir, buscando restabelecer as condições de legitimidade e governabilidade, é o desafio de construção da nação que precisamos assumir como nosso.

**Wilhelm Milward Meiners é Economista, Professor e Pesquisador do Estúdio de Economia da PUCPR.*

*** deixa estar, deixe-o ir, o mundo vai por si só.*

Confiança na Economia

Continua a onda positiva em novembro, mas ainda frágil.

*Christian Frederico da Cunha Bundt**

Os números de novembro para os diversos indicadores de confiança são animadores para quem os vê em curto prazo. Veja a tabela com os números de outubro e novembro de 2017, vindos de pesquisas da Fundação Getúlio Vargas, da Confederação Nacional da Indústria e da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (dados dessazonalizados).



ÍNDICE	OUT	NOV	VARIAÇÃO	OBSERVAÇÕES	
Indicador de Incerteza da Economia (IIE-Br/FGV)	111	112,8	+ 1,8 pontos	4 quedas consecutivas, percepção de melhora nas expectativas e piora na situação atual	
Índice de Confiança do Comércio (ICOM/FGV)	92,5	92,4	- 0,1 pontos	2 altas consecutivas, percepção de melhora nas expectativas e piora na situação atual	no campo pessimista do gráfico (abaixo de 100 pontos)
O Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC/CNC)	107,4	109,3	+ 1,9 pontos	4 altas consecutivas, percepção de melhora nas expectativas, na situação atual e nos investimentos	no campo otimista (acima de 100 pontos)
Índice de Confiança do Consumidor (ICC/FGV)	83,7	86,8	+ 3,1 pontos	2 altas consecutivas, percepção de melhora nas expectativas e na situação atual	ainda abaixo da média histórica de (100 pontos, de jun/10 a jun/15)
Índice de Confiança da Indústria (ICI/FGV)	95,4	98,3	+ 2,9 pontos	5 altas consecutivas, percepção de melhora nas expectativas e na situação atual	no campo pessimista do gráfico (abaixo de 100 pontos)
Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI/CNI)	56	56,5	+ 0,5 pontos	4 altas consecutivas, percepção de melhora nas expectativas e na situação atual	no campo otimista (acima de 50 pontos)
Índice de Confiança de Serviços (ICS/FGV)	87,8	87,7	- 0,1 ponto	4 altas consecutivas, percepção de melhora nas expectativas e piora na situação atual	no campo pessimista do gráfico (abaixo de 100 pontos)

Fonte: CNI, CNC, IBRE-FGV, ilustração ISAE.

Na análise geral dos números, a confiança do empresariado e do consumidor está em crescimento. Destaque para o setor industrial, que tanto na pesquisa da FGV quanto da CNI aparece com várias altas consecutivas.

Aumentando o período de análise até o final de 2016, o panorama é melhor ainda. Veja os dados comparativos:

PERÍODO	ICI/FGV	ICS/FGV	ICOM/FGV	ICC/FGV	ICEC/CNC	ICEI/CNI
dez/16	84,7	76,3	78,3	73,1	99,1	48
nov/17	98,3	87,7	92,4	86,8	109,3	56,5
DIFERENÇA	13,6	11,4	14,1	13,7	10,2	8,5

Fonte: CNI, CNC, IBRE-FGV, ilustração ISAE.

Apesar da melhora na comparação de novembro de 2017 com o final de 2016, os indicadores ainda estão frágeis, pois vários ainda estão no campo do pessimismo e longe da última melhor época da economia brasileira (2013). O economista Pedro Costa Ferreira, do IBRE-FGV, afirmou que “parece que a tempestade passou, mas a bonança está longe de chegar. O fim da recessão econômica e a maior confiança de que o atual presidente terminará o seu mandato, trazem algum alívio ao sentimento de insegurança. Contudo, as dificuldades para aprovar as reformas estruturantes, o desequilíbrio fiscal e as divisões político-partidárias mostram que ainda é cedo para sair do estado de alerta”.

Palavras sábias! Apesar do clima de euforia que parece estar nascendo, os números não estão bons. O desemprego ainda está bastante alto e a criação de novos postos está se dando mais na área informal que na formal. O governo precisa atentar-se a isso, pois vai em sentido contrário ao que se deseja e a previdência será diretamente afetada se essa situação perdurar, sem falar em outras áreas como o financiamento imobiliário (em função do FGTS). Apesar de ser cedo para falar sobre o tema, pois os



números são recentes, a atenção a esses sinais de economia desestruturada (o emprego informal é um deles) são fundamentais para que se tomem as iniciativas corretas. Essa mesma desatenção é que nos traz a urgência de aprovar a mudança no regime previdenciário e o atraso em possuímos um sistema tributário justo e alavancador de progresso.

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial e do Observatório Social de São José dos Pinhais.*

Preços e Juros

Preços e Juros: Soltem os cintos, o IPCA sumiu.

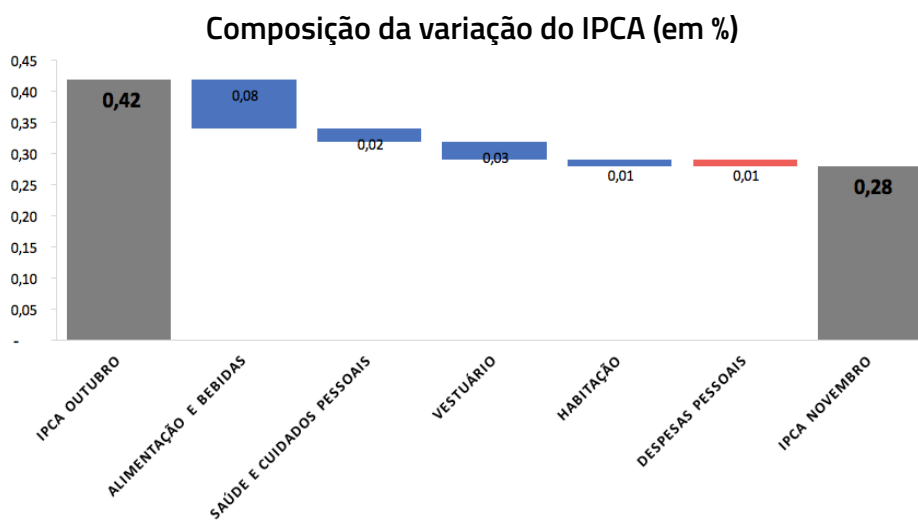
*Patrick Silva**

Após a divulgação do IPCA oficial de novembro e a última reunião do COPOM do ano que reduziu ainda mais taxa oficial de juros, as perspectivas para 2017 se mantêm em níveis civilizados e estáveis preparando a chegada de 2018.

	2017				2018			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal
Mediana	3,09	3,03	2,88	▼ (3)	4,04	4,02	4,02	● (2)
Top 5	3,03	2,93	2,80	▼ (2)	4,23	4,16	3,74	▼ (2)

Fonte: Banco Central do Brasil; ilustração: ISAE.

O IBGE divulgou o IPCA de novembro de 0,28% ficando muito abaixo do esperado pelo mercado, que era de 0,38%. Como vínhamos sinalizando nos relatórios anteriores, as expectativas de mercado têm sido frustradas com divulgações abaixo das expectativas. No primeiro relatório Focus de 2017 o IPCA esperado para o ano era de 4,81%, agora caminhamos para fechar o ano em cerca de 2,80%. Preços para baixo são sempre bem-vindos, mas até pra isso há um limite, e a fraca economia ainda exerce forte impacto nessas variações.



Fonte: IBGE; ilustração: ISAE.



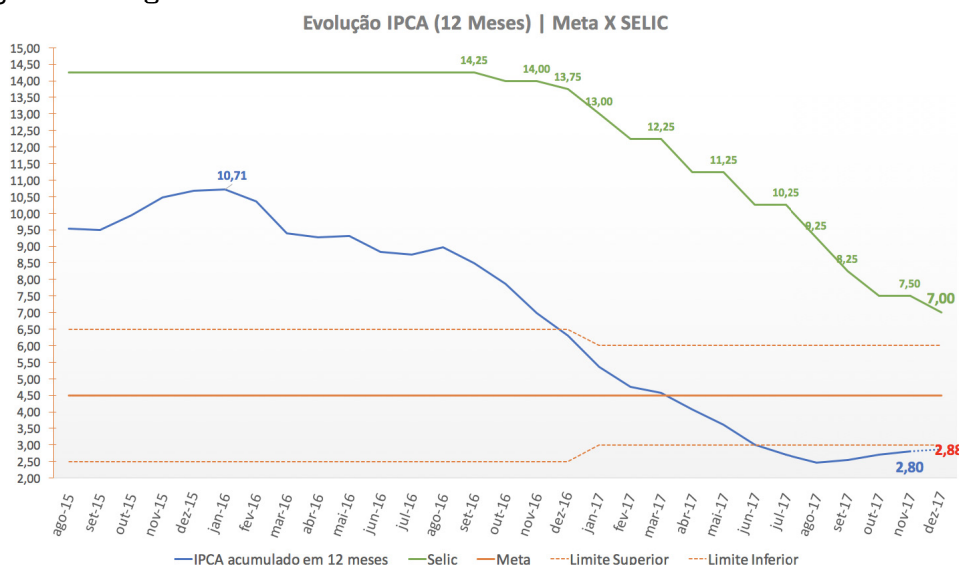
Conforme gráfico acima, a redução da inflação para o mês de novembro tem seu resultado atribuído principalmente à continuidade da queda dos preços dos alimentos, vestuário, além de alguns aparelhos eletrônicos.

A energia elétrica continua impactando nas contas de habitação, que ficaram em média 4,21% mais caras e que em novembro vigoraram na bandeira tarifária vermelha, com a região de Goiânia chegando a uma variação de 14,4% no mês, conforme tabela abaixo.

Variação da energia elétrica por região em novembro/17

Região	Varição
	%
Goiânia	14,40
Campo Grande	6,12
Rio de Janeiro	5,20
Porto Alegre	4,86
Belo Horizonte	4,71
São Paulo	4,09
Brasília	3,23
Curitiba	3,12
Belém	2,04
Recife	1,88
Salvador	1,78
Vitória	1,73
Fortaleza	0,83
Brasil	4,21

Com o ciclo de decisões do ano praticamente encerrados, o IPCA acumula 2,80% em 12 meses, aguardando o mês de dezembro para encerramento do ano, com estimativas que alcance até 2,88%, ficando ainda abaixo da meta inflacionária. É praticamente certo que o IPCA ficará abaixo do limite inferior da meta que é 3% conforme gráfico a seguir.



Fonte: IBGE; Banco Central do Brasil; ilustração: ISAE.



Enquanto isso, o COPOM reduziu a taxa SELIC mais 25p.p, de 7,25% para 7,00% ao ano. Um ano atrás a taxa estava em 13,75% e o ciclo de queda já havia se iniciado. Com isso a taxa de juros é a menor da história recente da economia brasileira.

O IPCA tende a continuar nesse patamar a partir de agora, enquanto a taxa SELIC pode trazer novos cortes na primeira reunião de 2018, podendo alcançar 6,75% na busca do reaquecimento da economia.

**Patrick Silva é especialista em Controladoria e Finanças, graduado em Ciências Contábeis, com Especialização em Controladoria, com MBA Executivo em Finanças pela FGV/SP, e aluno do Programa CFO Strategic ISAE|IBEF*

Câmbio

Fluxo cambial

Márcio Santos*

O fluxo cambial apresentou déficit de US\$ 636 milhões no mês de novembro. A conta comercial foi positiva em US\$ 1,808 bilhão, sendo o câmbio contratado para exportação US\$ 14,470 bilhões e para importação US\$ 12,662 bilhões. A conta financeira foi negativa em US\$ 2,444 bilhões, resultado de compras US\$ 36,341 bilhões e vendas US\$ 38,785 bilhões. O fluxo cambial na semana (27 de novembro a 1 de dezembro) foi positivo em US\$ 1,410 bilhão, sendo que no primeiro dia de dezembro o fluxo cambial foi negativo em US\$ 965 milhões. No ano, até 1 de dezembro, o fluxo cambial acumula superávit de US\$ 8,991 bilhões.

Fluxo Cambial

Período	Comercial						Financeiro ^{1/}			Saldo c=a+b
	Exportação				Importação	Saldo (a)	Compras	Vendas	Saldo (b)	
	Total	ACC	PA	Demais						
Nov	14 470	2 352	4 139	7 979	12 662	1 808	36 341	38 785	-2 444	-636
27	2 110	180	1552	384	882	1285	1839	2 558	-747	518
28	890	114	150	578	778	111	2 274	2 252	22	188
29	1228	117	348	763	895	532	3 187	2 782	375	908
30	1050	125	127	798	385	891	1988	1883	105	810
Dez	592	76	140	375	506	85	1 607	2 657	-1 050	-965
1	582	78	140	375	508	85	1607	2 657	-1050	-965
Jan-dez	175 916	26 257	46 952	102 707	129 100	46 736	430 005	467 751	-37 746	8 991

Fonte: BCB. 1/ Exclui operações interbancárias e operações externas do Banco Central. US\$ milhões.

Isso quer dizer que no mês de novembro a saída de dólar (ou melhor, total de todas as moedas estrangeiras convertidas em dólar) foi maior que a entrada de dólar no país. Entretanto, a entrada de dólar é maior que a saída de dólar no país quando considerado o período janeiro a dezembro, devido principalmente às exportações.

Quanto à taxa de câmbio, a variação média acumulada em novembro foi de 2,14% para venda e 2,13% para compra.



Taxa de câmbio

Período	Fim de período				Média de período ^{1/}				
	Compra		Venda		Compra		Venda		
	Taxa	Variação (%)	Taxa	Variação (%)	Taxa	Variação (%)	Taxa	Variação (%)	
2017 Nov		3,281	-0,47	3,2818	-0,47	3,2887	2,18	3,2894	2,18
	27	3,2212	-0,25	3,2218	-0,25	3,2834	-0,08	3,2841	-0,08
	28	3,2228	0,04	3,2232	0,04	3,2812	-0,07	3,2818	-0,07
	29	3,218	-0,3	3,2188	-0,3	3,2888	-0,08	3,2893	-0,08
	30	3,281	1,49	3,2818	1,49	3,2887	0	3,2894	0
Dez		3,283	0,08	3,2838	0,08	3,283	0,18	3,2838	0,18
	1	3,283	0,08	3,2838	0,08	3,283	0,18	3,2838	0,18

Fonte: BCB. 1/ A taxa diária corresponde à média acumulada no mês, até o dia indicado. R\$/US\$.

Houve razoável volatilidade na taxa de câmbio na semana, inclusive com mudança de tendência, de queda para alta. Vale lembrar que no dia 30 de novembro o Banco Central comunicou a rolagem dos contratos de câmbio (swap). A incerteza continua sendo a expectativa quanto à aprovação da Reforma da Previdência, que continua sendo um fator de risco para a taxa de câmbio. Isso deixa clara a posição do mercado financeiro em relação a essa reforma, governo e parlamentares parecem saber disso.

***Márcio Santos**. Economista, Mestre em Economia pela UNESP. Economista Adeata Consultoria – Análise Econômica.

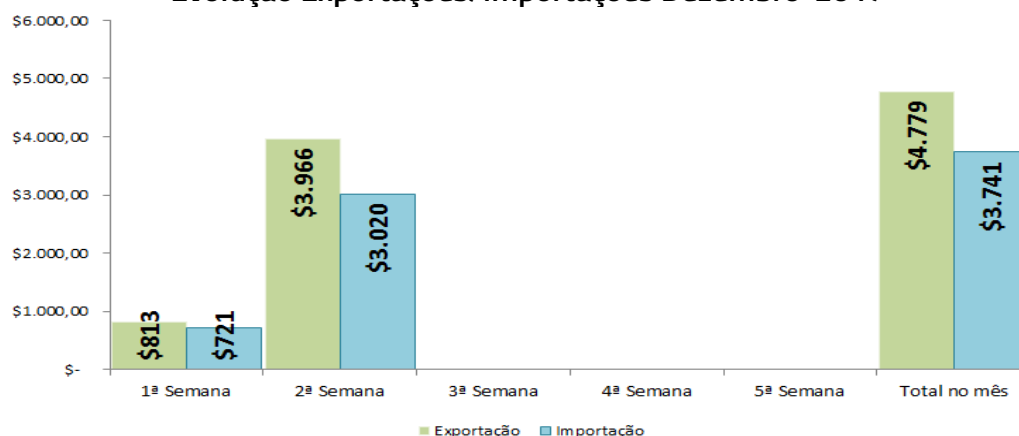
Balança Comercial Brasileira

Saldo positivo em dezembro de 2017

Jefferson Marcondes Ferreira*

Conforme dados informados pelo MDIC (Ministério da Indústria Comércio e Serviços) no último dia 11/12/2017, a balança comercial na segunda semana de dezembro-2017 apresenta um superávit de US\$ 946 milhões, resultado das exportações que totalizaram o valor de US\$ 3,966 bilhões na semana e das importações com um saldo US\$ 3,020 bilhões, conforme descrito no gráfico a seguir:

Evolução Exportações/Importações Dezembro-2017



Fonte: Mdic / ilustração: ISAE.

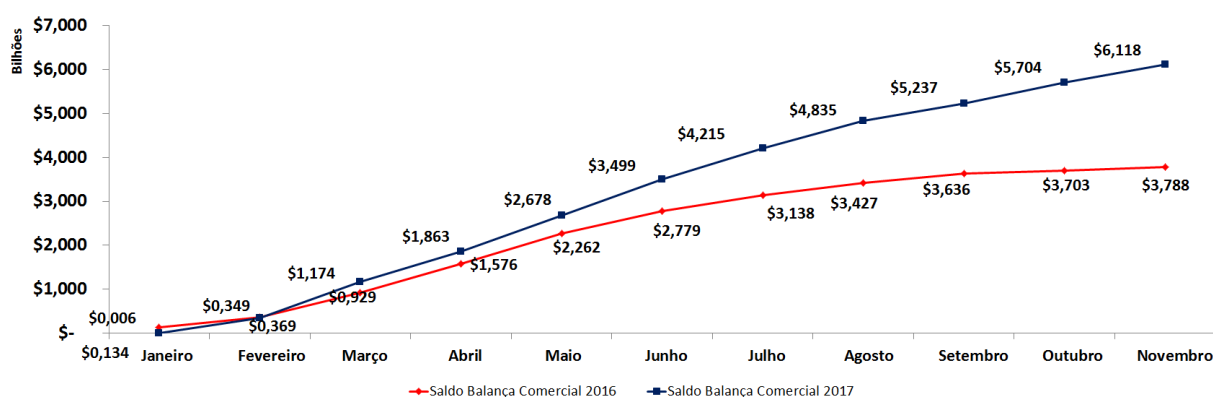


Até a segunda semana do mês de dezembro-2017, a balança comercial brasileira apresenta um total de US\$ 4,779 bilhões referentes a exportações contra US\$ 3,741 bilhões de importações, o que gera um saldo de US\$ 1,38 bilhão.

Balança comercial no Paraná apresenta saldo Positivo em 2017

De acordo com dados do MDIC, apresentado no início deste mês, a balança comercial paranaense no período de janeiro a novembro de 2017 está com saldo positivo superior ao mesmo período em 2016 de US\$ 2,330 bilhões, o que representa um crescimento de aproximadamente 62%, conforme demonstrado no gráfico a seguir:

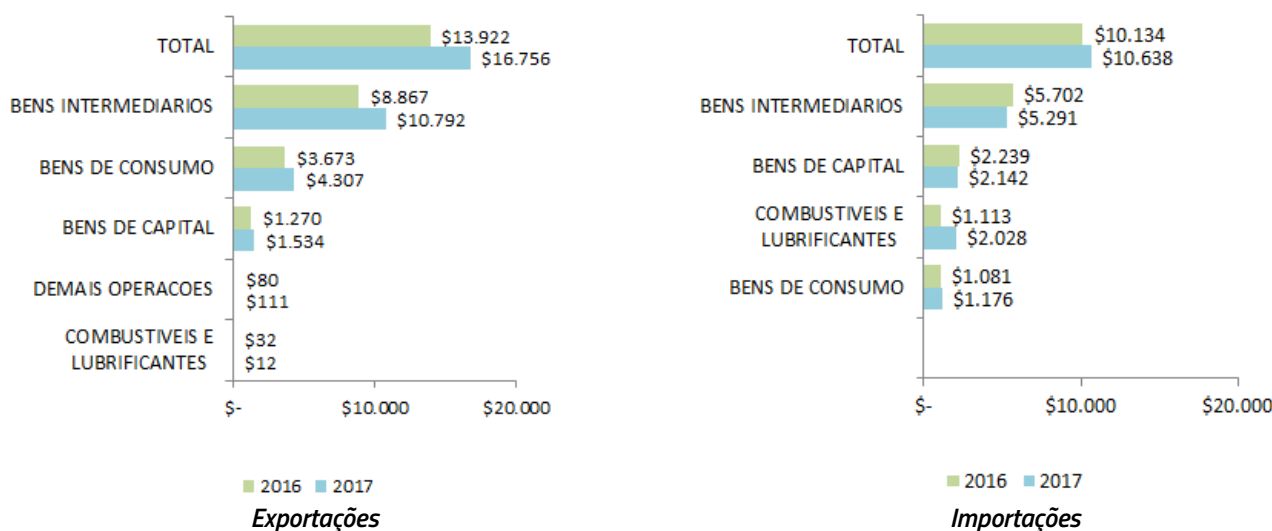
Evolução Saldo Balança Comercial Paraná - Janeiro a Novembro 2017 versus 2016 (em Bilhões de USD)



Fonte: Mdic / ilustração: ISAE.

O crescimento das exportações paranaenses deve-se ao aumento nas vendas de bens intermediários, que tiveram um crescimento de US\$ 1,925 bilhão de janeiro a novembro de 2017 em relação ao mesmo período em 2016. O aumento foi influenciado pelas vendas de alimentos e bebidas destinadas à indústria, que totalizam um crescimento de US\$ 1,203 bilhão. Também houve impacto significativo do setor de insumos industriais e peças e acessórios para equipamentos de transporte, que teve um saldo de US\$ 681 milhões. Outro segmento das exportações que influenciou esse aumento foram os bens de consumo, que tiveram um aumento de US\$ 635 milhões, seguidos pelo setor de bens de capital, com uma variação de US\$ 264 milhões.

Composição da variação das Exportações e Importações (IAN-NOV/ 2017 x 2016) - em MUSD



Quanto às importações, neste período houve um aumento de US\$ 504 milhões, influenciado pelas importações de combustíveis que tiveram um saldo de US\$ 915 milhões, acompanhados pelo setor de bens de capital com um saldo de US\$ 96 milhões, como também o setor de bens de consumo com um saldo de 95 milhões.

Compensado pela redução de importação de bens de intermediários, num total de US\$ 410 milhões, o saldo positivo da balança comercial paranaense reflete o crescimento dos setores agroindustriais com os produtores de grãos, o sucroalcooleiro e de proteína animal, bem como a evolução do setor automotivo. Tais setores corroboram para a confirmação da recuperação da economia do estado face à crise econômica que assola o país nos últimos anos.

**Jefferson Marcondes Ferreira é Economista, Especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 13 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.*

Tecnologia

Normas técnicas para Blockchain

*Christian Geronasso**

Na última quinta-feira (7/12), reuniram-se, pela primeira vez, os interessados em compor comissão especial para estudos da normatização do Blockchain no Brasil e no mundo. O grupo recebe a identificação CEE-307, que segue o padrão do grupo global da ISO que estuda o assunto: TC-307. A primeira reunião do CEE-307, além das formalidades para definição dos grupos de trabalho, dos responsáveis e das futuras reuniões, teve o relato de Yoshimiti Matsusaki, CEO da empresa Finnet, que representou o Brasil e a ABNT na reunião do grupo ISO/TC-307, em Tóquio. Além do Brasil, 22 países compõem esse grupo que tem por objetivo definir padrões para arquitetura de referência, casos de uso, segurança e privacidade, identidade, governança e interoperabilidade do blockchain. Yoshimiti relatou que Smart Contracts foi um tema muito debatido, principalmente quanto à separação de aspectos legais e aspectos relacionados à contratação do serviço. Essa é a segunda reunião do grupo TC-307, a primeira rodada aconteceu na Austrália e a próxima será realizada em Londres. Durante a reunião, em Tóquio, alguns países se destacaram em algumas áreas: a Alemanha em Smart Contracts, a Rússia e o próprio Japão em criptomoedas. A propósito, o Japão já utiliza amplamente as criptomoedas em suas redes de varejo.

O assunto é pauta das principais economias mundiais e não resta dúvida que o impacto pode ser comparado à criação da própria internet. Para aqueles que desejam entender melhor o assunto e desenvolver habilidade para o futuro uma alternativa é a <https://blockchainacademy.com.br/>.

** Christian Geronasso é consultor especialista em geração de valor e inovação, com mais de 10 anos de experiência em diversos segmentos empresariais como bens de consumo, automotivo, papel e celulose, engenharia e construção, varejo, entre outros. Atua em uma das maiores consultorias do Brasil com histórico em grandes clientes como Grupo Randon, Renault, Andritz, Embraco, entre outros.*



PAINEL DE CONJUNTURA MACROECONÔMICA

17

Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Christian Geronasso

Christian Bundt

Jefferson Marcondes

Márcio Santos

Patrick Silva

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fábio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande